

## O UNIVERSO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU ATRAVÉS DE SEUS CANTOS

lasmin M A da Silva<sup>1</sup>, Luize R Paz<sup>2</sup>, Raimundo L Santos<sup>3</sup>

1. Estudante da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)
2. Estudante da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)
3. Professor da UEMASUL – Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras (CCHSL)/Orientador

### Resumo

A palmeira do babaçu, ricamente encontrados no Maranhão, faz parte da vida nas comunidades rurais do estado, pois viabiliza a produção de diversos materiais. Contudo, para além de possibilidades econômicas, o babaçu é para as mulheres quebradeiras de coco um símbolo da cultura e de suas tradições. No ato diário da quebra do coco babaçu, as quebradeiras têm o hábito de festejar o trabalho, a natureza e a vida com suas canções, aprendidas com suas mães e avós e as que elas próprias compõe. Essas canções possuem temáticas que expressam diversos elementos do cotidiano dessas mulheres e a partir delas é possível analisar através da interdisciplinaridade da história com a literatura, toda uma carga cultural que as músicas expressam. Nesse sentido, o projeto objetivou a análise das canções registradas no livro nominado “Canto e Encanto nos Babaçuais” (ENCANTADEIRAS, 2014), utilizando a perspectiva histórico-literária, além de um debate acerca da possibilidade de tal narrativa literária pela história.

**Palavras-chave:** História e Literatura; Encantadeiras; Canções populares.

**Apoio financeiro:** Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

**Trabalho selecionado para a JNIC:** UEMASUL

### Introdução

Partindo do pressuposto da visão de Sandra Jatahy Pesavento a história tem mais de uma compreensão, primeiramente como a experiência vivida, isto é, com os acontecimentos do passado identificando um fato e seus acontecimentos de uma determinada temporalidade, e posteriormente identificada como uma ciência que com suas leis e métodos estudava o passado, procurando estabelecer a verdade do acontecimento através de um relato fiel. Para a autora, história e literatura se relacionam com o real, constituindo-se como narrativas que tem a vida como referência. A verdade nas fontes literárias está na possibilidade de leitura das questões que constituem determinada temporalidade (PESAVENTO, 2004, p.48).

A prática da quebra do coco babaçu é muito comum no cenário rural maranhense. Geralmente em grupo, as mulheres extrativistas costumam quebrar o coco cantando e conversando, o que para muitas reflete em um trabalho muito mais divertido e proveitoso (SANTOS, 2008, p.58-59). Essas músicas de caráter popular refletem em grande parte muitos aspectos dessa cultura extrativista maranhense. Através delas é possível o estudo do consciente e inconsciente retratando elementos do cotidiano nessas comunidades. Como por exemplo, afirmação de como o coco babaçu é utilizado para além de uma possibilidade econômica, mas também de uma expressão cultural e características do amor pelo fruto e o orgulho de ser quebradeira são facilmente encontradas em suas canções populares (SANTOS, 2011, p.95).

É nesse sentido que a utilização do livro organizado pelas Encantadeiras, grupo de mulheres que fazem parte de organizações sociais de quebradeiras de coco babaçu, intitulado “Canto e Encanto nos Babaçuais” nos serve de base literária para o estudo dessa realidade sociocultural das mulheres extrativistas do coco babaçu no Maranhão. As análises feitas a partir do contexto literário vão além da questão do real e imaginário, fazendo com que fosse estabelecido o estudo do universo sociocultural das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão através do que revelam as letras das músicas, as expressões conscientes e inconscientes.

### Metodologia

A realização desse projeto constituiu-se essencialmente de pesquisas bibliográficas realizadas em bibliotecas online e físicas, tais como da própria instituição financiadora, UEMASUL. A pesquisa bibliográfica objetivou adquirir um conhecimento inicial acerca da história das quebradeiras de coco babaçu no estado do Maranhão, assim como o estudo de teóricos que abordam acerca da interdisciplinaridade entre história e literatura.

O projeto após sua fase de estudos documentais, contou com uma visita a comunidades rurais na região de Imperatriz-MA. Localizadas na estrada do arroz, os povoados de Petrolina, Coquelândia, São Felix e Olho d'água foram visitados por nós com o objetivo de obter esse contato inicial com essas mulheres e apresentar-nos ao meio social local. As pesquisas bibliográficas juntamente com a exposição das visitas por meio de produções escritas e apresentações em eventos compuseram o cenário de resultados do projeto.

## Resultados e Discussão

A pesquisa bibliográfica inicial nos levou primeiramente a indagações acerca da possibilidade da interdisciplinaridade entre história e literatura. Acerca desse ponto, a partir da análise de autores como Sandra Pesavento (2004; 2006), Roger Chartier (2002), Maria Fortunato; Raquel Andrade (2009), entre outros, nos possibilitaram uma afirmação teórica do uso da literatura pela história a partir da relação pós Annales no fim do século XX.

Para Maria Lucinete Fortunato e Raquel Thomaz de Andrade (2009, p. 11), os modelos de compreensão e inteligibilidade adotados até então pelos historiadores passaram por uma crise no final do século XX, colocando em xeque o caráter de verdade do espaço histórico. Assim, houve uma substituição de “história relato” pela de “história-problema” e por consequência, a necessidade da interdisciplinaridade entre a perspectiva historiográfica e outras diversas disciplinas como a iconografia, antropologia e a literatura. Através dessas novas abordagens, consolidou-se a percepção de que a História depende das escolhas de narrativa dos historiadores.

Roger Chartier (2002, p. 112-13), por sua vez, reconhece a natureza do conhecimento histórico constituído a partir da realidade social e defende que este não é narrativa literária, assim como também não segue um paradigma estritamente científico que exclui a consciência dos atores dos processos sociais. O autor, na tentativa de encontrar as especificidades da narrativa histórica que a distancie das outras formas de escrita, elucida que a narrativa construída pelo historiador só é possível, dentre outros fatores, da coleta de dados. Portanto, a história baseia-se em citações, no tratamento de dados, na verificação crítica dos resultados e na produção de hipóteses.

Sandra Jatthy Pesavento oferece uma grande contribuição para o debate, ao evidenciar que a literatura é uma fonte privilegiada para o autor, pois “lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam.” Para a autora, a literatura tem um efeito “multiplicador de possibilidades de leitura”, pois acrescenta ao conhecimento do historiador uma nova visão sobre o seu objeto de análise, numa temporalidade passada. A autora ainda acrescenta:

O mundo da ficção literária – este mundo verdadeiro das coisas de mentira – dá acesso para nós, historiadores, às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, (...). Isto implicaria não mais buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua concretude de ‘real acontecido’, mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam (PESAVENTO, 2006, p. 22).

Pesavento também delimita que a verdade da ficção literária não está em revelar a existência real dos fatos narrados, mas na possibilidade de ampliar a leitura em dada temporalidade. Assim, para a autora, o que conta para o historiador que se volta para a literatura não é o valor do documento ou a autenticidade do fato, mas o seu “valor de problema”. Dessa forma, ambas as áreas têm relação com o real, mas constroem sobre ele uma nova versão e constituem-se como narrativas que têm o real e a vida como referência (PESAVENTO, 2006, p. 11).

Portanto, a partir dessas leituras, é possível compreender que as diferenças entre as narrativas histórica e literária não devem ser simplificadas ao debate entre realidade ou ficção. O importante é compreender como as duas narrativas se constituem e de que forma podem se aproximar, como elucidam Maria Lucinete Fortunato e Raquel Thomaz de Andrade (2009, p. 113).

A aplicação prática desse modelo interdisciplinar foi conduzido pela pesquisa através das análises das músicas do livro das quebradeiras de coco, “Canto e Encanto nos Babaçuais” (ENCANTADEIRAS, 2014). As músicas expressam diferentes aspectos da vida dessas mulheres, isso porque os temas das canções sofrem algumas mudanças nos dando a visão das frentes variadas das quais elas participam. Músicas como “Olê Mariê 1”, que revelam em sua letra a força da figura feminina nessas comunidades, a qual é uma canção de mulheres para mulheres, uma “convocação” as quebradeiras para juntarem-se e expressar a força feminina, ou até mesmo músicas com caráter de protesto, como “O xote das quebradeiras de Coco”, do qual expressa “Ei não derruba esta palmeira, (...) O coco é para nós grande riqueza (...)”, do qual faz referência a sua constante luta para a preservação dos babaçuais (ENCANTADEIRAS, 2014, p.8,11).

Em Imperatriz, oeste do Maranhão, esse uso doméstico do coco tem grande força, principalmente na região da Estrada do Arroz, via de acesso que liga a cidade de Imperatriz ao município de Cidelândia e que passa por vários povoados. Olho D’água, Coquelândia, São Félix e Petrolina são os que mais se destacam por sua importância socioeconômica. Esses povoados formaram-se nos anos 1950 e início de 1960 com a ocupação de terras devolutas por populações que transformaram matas em roças de milho, arroz, feijão e outras culturas complementares (SANTOS, 2008, p. 35). Na canção “Eu vim de longe” é possível estabelecer a relação da formação desses povoados da região de Imperatriz.

Eu vim de longe, pra encontrar o meu caminho,  
Tinha um sorriso e o sorriso ainda valia.  
Achei difícil a viagem até aqui, Mas eu cheguei, [...]

[...] Eu tive ajuda de quem você não acredita,  
Tive esperança de chegar até aqui.

Vim caminhando, aqui estou.  
Me decidi: eu vou ficar, eu vou ficar.

As comunidades da Estrada do Arroz viveram dessa forma durante muitos anos, através do trabalho familiar, da cultura agrícola e extrativista e ainda vivem, mesmo que com menos força. Entretanto, esse quadro mudou quando começaram a surgir os benefícios da infraestrutura, como o transporte e o comércio. Essas mudanças desarmonizaram significativamente a dinâmica cotidiana dos povoados e gerou um choque entre novos valores e os antigos.

No início dos anos 1970, houve uma valorização nas terras da Estrada do Arroz devido a melhoria das vias de acesso que ligam essas terras à cidade de Imperatriz, entre outros estímulos. Com o crescente consumo urbano, associado à concentração das terras nas mãos de poucas famílias que compraram as terras dos trabalhadores rurais à preços ínfimos ou adquiriram terras por meio da grilagem, houve o crescimento da produção de carvão do coco babaçu para a comercialização, destinada principalmente às empresas de ferro gusa (SANTOS, 2011, p. 37).

Assim, no Maranhão, grupos de mulheres comprometidas com a mudança desse cenário criaram formas organizativas que tem como objetivo criticar e reivindicar projetos socioambientais envolvendo o coco babaçu. Uma das principais características dessa bandeira de luta erguida pelas quebradeiras organizadas em grupos é a defesa dos recursos naturais, contra o desmatamento dos babaçuais, como expressado na música “Oh mulher, te chamo!” (ENCANTADEIRAS, 2014, p.35).

Oh, mulher te chamo, porque esta luta é tua,  
Deixa esta cozinha e vamos cair na luta.  
Essa luta é nossa, não desanime não.  
As nossas palmeiras estão todas no chão!  
Vamos dar um jeito, que eu já não aguento.  
É pra nossos filhos, que dá sustento.[...]  
A quebra do coco foi quem me criou,  
Diziam meus pais, também meus avôs.  
Agora estou vendo tudo se acabando,  
É o fazendeiro que está devorando.

As “Encantadeiras”, também fazem parte deste cenário de reivindicações e lutas. Segundo Yara Santos de Oliveira Alves de Assis, as vozes das “Encantadeiras” foram unindo-se quando os objetivos passaram a ser comuns e a luta pelo direito ao livre acesso aos babaçuais passou a ser compartilhado por todas. Para além de uma manifestação cultural artística, as Encantadeiras, segundo Assis, são uma “manifestação da força que existe em uma comunidade.” Além disso, o canto, como destaca a autora, também é uma “manifestação cultural presente na vida cotidiana da comunidade das quebradeiras de coco babaçu” (ASSIS, 2009, p. 71-2).

Desse modo, a partir das análises das canções e do contato com as comunidades das quebradeiras de coco babaçu, foi possível uma visão mais ampla acerca do universo sociocultural dessas mulheres. A quebra do coco, assim como a própria matéria prima, é de uma riqueza cultural e tradicional extensa para o maranhense, logo, estabeleceu-se o ato da quebra como um elemento para além dos resultados econômicos, embora esse último também tenha sua importância. O coco babaçu e as mulheres associadas a quebra, são protagonistas de uma tradição e da cultura maranhenses.

## Conclusões

Diante da discussão feita ao longo da pesquisa acerca do uso da literatura pela história, podemos estabelecer conceitos que corroboram para a afirmação da possibilidade de tal uso e a maneira pela qual o mesmo pode ser expresso. Para Peter Burke os historiadores podem aprender algo com as técnicas narrativas de escritores como Liev Tolstói, autor de *guerra e paz*, pois assim os historiadores teriam de desenvolver suas técnicas ficcionais para suas obras factuais. Logo, Burke ressalta essa última característica como a limitação que o historiador tem de ter consciência, pois o mesmo tem sempre de lembrar que, diferente de Tolstói, não podem inventar personagens ou falas em suas obras, e por isso o historiador utiliza apenas as técnicas ficcionais. (BURKE, 1992, p.340)

A literatura tem que ser compreendida, segundo Sandra Jatahy Pesavento (2004, p.83), como fonte dela mesmo, isto porque, a literatura trabalha com ficção, os acontecimentos, as falas, os personagens não tiveram uma existência real. Desse modo, o que conta para o historiador não é o tempo da narrativa, mas sim o da escrita. Na perspectiva de Pesavento o historiador vai ter como objetivo então analisar a escrita, o autor e o período em que ele escreveu tal obra.

Assim, Pesavento estabelece duas possibilidades de como o historiador deve analisar tais obras. A primeira forma é caso a obra se passe no mesmo período temporal em que foi escrito, nesse caso, o historiador deve resgatar as sensibilidades, as razões e os sentimentos da época, que estão postos em forma de narrativa pelo autor. A segunda possibilidade seria o texto literário construído como um romance histórico, nesse caso o historiador não vai buscar as verdades de um tempo passado, mas a concepção de passado desenvolvida no tempo em que foi escrita a obra. (PESAVENTO, 2004, p. 83)

Desse modo, o historiador que trabalha com literatura como fonte, também utiliza largamente o imaginário. A representação abstrata que o historiador utiliza é dada pelo imaginário, o mesmo faz parte desse sistema produtor de ideias que amplia a compreensão do mundo, mostrando para o historiador o racional e o

conceitual, o consciente e o inconsciente, o conhecimento científico utilizando também o conhecimento sensível, não descartando de maneira nenhuma a presença do real. (PESAVENTO, 2006, p. 2)

Esse resgate das sensibilidades e sentimentos propostos ao qual Pesavento refere-se foi efetuado na pesquisa com o objetivo de ampliar a visão acerca do mundo sociocultural das mulheres quebradeiras de coco. As músicas expressam muitas temáticas passíveis de serem desenvolvidas em uma análise que refletem vários elementos do cotidiano das quebradeiras e de seu meio social. As canções nos mostram a riqueza da cultura maranhense nesse meio extrativista. O uso da literatura nesse projeto nos permitiu ter uma base literária que auxiliasse nas pesquisas documentais e visitas as comunidades rurais.

### Referências bibliográficas

AS ENCANTADEIRAS/AMTR/MIQCB/ASSEMA/NCADR-UFPA. **Canto e encanto nos babaçuais**. Músicas sob domínio popular selecionadas por "As Encantadeiras", 2014.

ASSIS, Yara Santos Oliveira Alves de. **Canto Popular**: A criação musical para além dos muros da escola. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UnB. Universidade de Brasília, Brasília.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CHARTIER, Roger. **À beira da Falésia**: história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Edição Universitária/UFRGS, 2002.

FORTUNATO, Maria Lucinete; ANDRADE, Raquel Thomaz de. **Narração Histórica, Narração Literária**: Uma Aproximação Possível. *SAECULUM - Revista De História*. João Pessoa, nº 20, p. 111-118, 2009.

SANTOS, Raimundo Lima dos. **O Projeto Grande Carajás e seus reflexos para a cultura extrativista do Maranhão**. Imperatriz, MA: Ética, 2011.

\_\_\_\_\_, Raimundo. **Reinventando um mundo: quebradeiras de Imperatriz em busca de um caminho**. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

PESAVENTO, S.J. **História & Literatura: uma velha-nova história**, Nuevo Mundo Mundos [Em línea] Nuevos, Debates, 2006.

\_\_\_\_\_, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.